

## CLIOESE: UMA COMUNIDADE VIRTUAL DE (BOAS) PRÁTICAS

**Cristina Maia**

[UTC Estudos Culturais e Sociais da Escola Superior de Educação/Instituto Politécnico do Porto, Porto,  
cristinamaia@ese.ipp.pt]

**Carla Ribeiro**

[UTC Estudos Culturais e Sociais da Escola Superior de Educação/Instituto Politécnico do Porto, Porto,  
carlaribeiro@ese.ipp.pt]

**Amândio Barros**

[UTC Estudos Culturais e Sociais da Escola Superior de Educação/Instituto Politécnico do Porto, Porto,  
abarros@ese.ipp.pt]

**Ana Isabel Moreira**

[Escola Superior de Educação/Instituto Politécnico do Porto, Porto, ana\_m0reira@hotmail.com]

### Resumo

Pretende dar-se a conhecer, partilhando reflexões com a comunidade educativa, o projeto de investigação *Oficina Didática de Ciências Humanas*. Esta Oficina constitui-se como um projeto de investigação-ação, dirigido a todo o universo da Educação Básica. A equipa de investigadores apropriou-se do conceito de Comunidade Virtual de Prática como estratégia, de forma a conseguir a partilha de experiências, um diálogo aprofundado e a promoção de uma *praxis* socio-construtivista. A questão central de investigação que se coloca é a de saber se uma plataforma colaborativa deste tipo pode criar redes de interação, contribuindo para melhorar as práticas do ensino-aprendizagem das Ciências Humanas.

### Introdução

Decorrente da análise/diagnóstico do panorama educativo/escolar atual, o projeto da *Oficina Didática de Ciências Humanas* insere-se no âmbito da Educação para as Ciências Humanas, aliando as dimensões histórica, geográfica, antropológica e etnográfica. A complexidade destas componentes e a perceção das problemáticas por elas levantadas suscitam tarefas de otimização das práticas pedagógicas, associando à transmissão de conhecimento (saber) o desenvolvimento de capacidades e procedimentos (saber fazer) e de atitudes e valores (saber ser/saber estar).

A pretensão inicial da Oficina é promover o gosto/interesse pela História e suas problemáticas, que se revela fundamental numa época em que se constata um desinteresse dos alunos face ao conhecimento do passado. Desinteresse e desconhecimento que comprometem a compreensão do devir histórico e a própria apreensão do presente. Daqui resulta uma perda coletiva da memória, o enfraquecimento do espírito crítico e a subsequente fraca capacidade interventora do aluno, como futuro cidadão, ator no próprio processo de desenvolvimento democrático.

A História é uma das áreas científicas e disciplinares que mais podem contribuir para o desenvolvimento do espírito crítico do indivíduo, com reflexos na formação cívica. A História, vista como uma prática social, há muito que superou a conceção positivista, de heróis, datas, factos e

verdades fechadas, abrindo espaço para a apreensão da realidade na sua diversidade, complexidade e nas múltiplas dimensões temporais, destacando-se as atitudes dos indivíduos, grupos e povos na construção, reconstrução e reinvenção das sociedades. Esta “revolução” da historiografia estendeu-se progressivamente ao ensino da História; o seu objeto de estudo passa, agora, por abordagens articuladas das questões locais, regionais, nacionais e internacionais, sensibiliza para a diferença, reconhece as dinâmicas das relações sociais, políticas e culturais, as mudanças e permanências, enriquecendo o objeto do saber histórico, que tende, cada vez mais, a ser globalizante, reflexivo, questionador e promotor de posturas críticas.

Esta percepção do devir histórico suscita e exige, inevitavelmente, uma adaptação do ensino à diversidade de contextos socioeconômicos e culturais e às novas necessidades educativas. Nesta perspectiva, ao atual professor compete a (árdua) tarefa de adequação das metodologias de ensino-aprendizagem e dos recursos à heterogeneidade dos alunos, às experiências e saberes de que são portadores, partindo do significativo para construir novos conhecimentos, numa lógica de adequação e diversificação curricular.

Neste sentido, um dos principais investimentos desta Oficina consiste na melhoria das práticas pedagógicas no que concerne ao ensino-aprendizagem das Ciências Humanas, com especial ênfase na Educação Histórica. Para o concretizar, pretende-se promover e estabelecer um diálogo profícuo no seio da comunidade educativa, aqui definida como sendo o universo de toda a Educação Básica. A Oficina deverá assumir-se como um instrumento ativo ao serviço dos profissionais da Educação Básica, ou seja, como um centro divulgador de experiências de aprendizagem, numa perspectiva construtivista, capaz de, a médio/longo prazo, favorecer a qualidade da formação contínua docente.

Sinteticamente, através deste projeto, é nosso intuito:

- desenvolver e disponibilizar instrumentos pedagógico-didáticos, no âmbito da didática da História e Geografia, que auxiliem a comunidade educativa a ativar práticas de diferenciação pedagógica, adequadas a diferentes necessidades educativas, de acordo com os contextos e indivíduos que deles fazem parte;
- difundir experiências de aprendizagem e recursos pedagógico-didáticos realizados pela comunidade educativa.

Orientada neste sentido, e procurando formas de execução eficazes, introduz-se a noção (operativa) de *comunidade virtual de prática*.

### **Comunidades virtuais de prática e redes em Educação**

A ciência da informação concebe a comunidade de prática (CdP) “como um grupo de indivíduos com distintos conhecimentos, habilidades e experiências, que participam de modo ativo em processos de colaboração, compartilhando conhecimentos, interesses, recursos, perspectivas, atividades e, sobretudo, práticas, para a construção de conhecimento tanto pessoal quanto coletivo (El-Hani e Greca, 2011: 582). Uma comunidade de prática em funcionamento efetivo apropria-se, gere e compartilha um conjunto de ideias, objetivos e memórias; além disso, “desenvolve recursos, como ferramentas, documentos, rotinas, vocabulários e símbolos, que, em certa medida, carregam consigo o conhecimento acumulado pela comunidade. Em outras palavras, uma comunidade de prática envolve *praxis*: maneiras compartilhadas de fazer e de se aproximar das coisas de que se ocupam as pessoas que a integram” (El-Hani e Greca, 2011: 582).

A ideia da CdP na Educação, e em particular no ensino e debate sobre a História, parte da constatação de uma cada vez mais forte presença da tecnologia de informação no quotidiano, facilitando a criação de interfaces que promovem a comunicação entre pessoas e instituições. Este aspeto mereceria melhor desenvolvimento, sobretudo quando se constata a crescente familiaridade com estes meios e as potencialidades que os mesmos evidenciam para a construção de ferramentas facilitadoras da comunicação e do trabalho, da sua gestão e aperfeiçoamento, na ampliação dos objetivos que se pretendem alcançar.

Neste sentido, torna-se evidente que estas comunidades apresentam vantagens se considerarmos a abertura de um caminho que conduza ao estabelecimento de escolas-rede, “onde cada professor é um ponto e adiciona mais informação e conhecimento a esse espaço horizontal, desterritorializado” (Cambráia, 2012: 21).

As comunidades de prática giram em torno da existência profissional dos indivíduos e são um recurso fundamental para responder à necessidade de informações, recomendações, boas práticas e ideias; desse modo, a criação de uma comunidade de prática em contexto educativo poderá constituir uma variável crucial para o sucesso de inovações educacionais. Apresentando-se como ambientes de reflexão sobre conteúdos específicos, práticas didáticas, necessidades de formação, bem como espaços de debate, problematização e cooperação, as CdPs podem, portanto, ser catalisadores poderosos para o aprimoramento das ações docentes, permitindo a reinvenção/reelaboração coletiva da prática pedagógica. Mais ainda, e na linha do que afirma Illera (2007), elas podem transformar a nossa concepção de educação, pela partilha de metodologias, experiências pedagógicas e, mesmo, angústias e problemas.

Afigura-se da maior importância e interesse o facto de esta Oficina promover/estimular o contacto e funcionar como plataforma colaborativa entre profissionais de diferentes níveis/áreas. A Oficina reúne um leque variado de membros: uns estão mais vocacionados para a investigação histórica especializada, mas trabalham quotidianamente com aqueles outros elementos mais experientes no campo das didáticas; a dinâmica estabelecida entre ambos tem repercussões, num contacto de interface com os professores, nas escolas, em diferentes níveis e contextos de ensino. Ao fazê-lo, ao reunir profissionais com distintas competências e atuando em distintos contextos, o projeto pretende retirar o melhor possível desta partilha de experiências, soluções, opiniões.

Este conjunto de reflexões, Escola, novas práticas educacionais, reinvenção da prática pedagógica, abre, no nosso entendimento, um caminho possível de ser trilhado setorialmente, incidindo, no caso presente, no ensino da História e no seu diálogo com as restantes ciências humanas e sociais.

Esse caminho passa necessariamente por uma forte conexão entre todos os “nós” de uma rede de agentes e interlocutores. E, de alguma forma, esta rede tem sido construída à imagem daquele significativo elemento que tem transformado a forma como vivemos e como aprendemos: a Internet. Essa rede de redes foi evoluindo, suportada pela crescente participação ativa dos seus utilizadores (a Web 2.0), abrindo caminho a novas formas de aprender e de ensinar, e cujo paradigma encontra explicação nas teorias do conectivismo (ou conhecimento distribuído) de Siemens (2004) e Downes (2005), ou seja, na integração de “principles explored by chaos, network, complexity and self-organization theories” (Siemens, 2004: s/p). Hoje o conhecimento já não é adquirido de forma linear e a aprendizagem, definida como conhecimento accionável, pode residir nas organizações ou em enormes bancos de informação, controlados tecnologicamente. Ao professor compete a tarefa de orientar, estimular a inteligência coletiva, pugnando para que o aluno possa desenvolver um pensamento crítico (*critical thinking*), enquanto a tecnologia desempenha muitas das funções cognitivas que anteriormente cabiam aos aprendizes.

Estas mudanças não têm sido assimiladas, pelo sistema, com a rapidez que eventualmente seria desejável, ao mesmo tempo que se desvalorizam as idiossincrasias da era digital e o facto de muitos dos jovens que hoje frequentam o ensino obrigatório serem os nativos digitais que já estruturam os seus processos cognitivos de acordo com os cânones das redes sociais. Aqueles jovens que também sabem que a informação está ao alcance de um clique, debaixo de *bookmarks* que vão acumulando nos seus navegadores. Hoje, a nossa capacidade de aprender o que precisamos para amanhã já é mais importante do que aquilo que conhecemos e o conhecimento está nessa imensa rede que motivou o aparecimento do conceito de *Personal Learning Environment* (PLE), baseado no desenvolvimento de tecnologias que se centram na interação social e na colaboração, tão características da Web 2.0. Os PLEs são uma resposta à necessidade que cada um tem de agregar e integrar as aprendizagens que se vão fazendo nos mais variados contextos (formais e não

formais) segundo o princípio socioconstrutivista, que refere que o conhecimento é criado pelos aprendentes no contexto das interações sociais e como resultado destas.

A plataforma criada, o ClioESE, procura, de facto, funcionar como facilitador dessas trocas, quer ao nível comunicacional (fórum), quer ao nível da partilha de recursos, enquanto “objetos de aprendizagem” em constante reutilização. Porque a participação em espaços virtuais pode reforçar o conhecimento, a partir de uma base corporativa de desenvolvimento profissional dos seus agentes e, na verdade, o *Content Management System* (CMS) criado faz apelo a esse espírito de corpo de profissionais que dividem os mesmos interesses e desejam ser mais eficientes na sua missão.

Em termos investigativos, e ponto de partida essencial da Oficina, a questão central visa saber se uma plataforma deste género, neste caso uma comunidade virtual de prática criada pela equipa – ClioESE –, pode gerar redes de interação, contribuindo para melhorar as boas práticas do processo de ensino-aprendizagem das Ciências Humanas, no que concerne a metodologias ativas.

Para finalizar esta análise, devemos regressar à questão da CdP. Esta matéria, como é sabido, é complexa, enquadra um âmbito de aplicação específico e remete para um modelo de comunicação amplo, de bi-direcionalidade. Neste caso concreto, a Oficina procura apropriar-se do conceito de CdP, adaptando-o aos seus pressupostos e objetivos. Será conveniente, por isso, reforçar esta ideia de apropriação.

Se a tónica da CdP é muitas vezes colocada no contexto de instituições similares, o que se pretende com esta Oficina didática é estabelecer uma relação de prática pedagógica entre uma instituição de ensino superior (a Escola Superior de Educação do Porto) e várias instituições de Educação Básica, através da inclusão, na comunidade virtual, de educadores e professores do 1.º, 2.º e 3.º ciclos. Evidentemente, a filosofia do projeto não é restritiva e aproxima-se, neste aspeto, daquilo que se recomenda no contexto das CdPs; pretende-se a sua abertura a todos os interessados nas temáticas em questão e, como tal, pode (e deve) abrir-se a outras instituições de ensino superior, bem como a outros, a todos os profissionais ligados ao ensino da História numa dimensão formal, diplomados ou em processo formativo. Este diálogo – na verdade, esta bi-direcionalidade de partilha de conhecimentos e de inquietações metodológicas e práticas – entre membros da Oficina, profissionais diplomados e futuros professores promove a discussão sobre modelos de aprendizagem e novas práticas de intervenção em contextos educativos exigentes. Por outro lado, sendo que uma das potencialidades mais evidente deste tipo de recursos (CdP) consiste na eliminação de barreiras geográficas que tornam impossível o diálogo e a troca efetiva de experiências, o que se objetiva nesta Oficina é a eliminação, ou a tendencial atenuação, de outro tipo de barreiras: as colocadas pelas diferentes conceções da prática do ensino da História e das dificuldades que o mesmo pode apresentar.

### **Realizações e ponto de situação**

O *site* ClioESE foi criado em maio de 2012, começou a ganhar corpo em finais desse ano, e a receber os primeiros conteúdos/materiais na primeira metade de 2013.

Em setembro desse ano foi divulgado, por carta, a cerca de 700 agrupamentos de escolas sediados em Portugal Continental. Em novembro e dezembro, a equipa deslocou-se a várias escolas para a apresentação do *site* junto dos docentes dos departamentos de Ciências Sociais e Humanas; em simultâneo, começaram a chegar alguns pedidos de esclarecimento via *email*; além disso, verificaram-se os primeiros registos de docentes e educadores na plataforma, essenciais para o estabelecimento do diálogo colaborativo pretendido.

Em resultado destes contactos e da entrada em funcionamento efetivo da plataforma, ocorreu um aumento significativo do número de registos, facto que não surpreendeu, dado o acolhimento muito favorável sentido durante as visitas às Escolas e as solicitações entretanto recebidas no *site*.

Num momento posterior, considerou-se a pertinência de contactar os professores entretanto registados nesta plataforma, de modo a incentivar a resposta a um pequeno inquérito por questionário disponibilizado *online* e a manifestação de uma opinião pessoal sobre a utilização do *site*, essencial à concretização do estudo investigativo em curso. Este inquérito por questionário continua disponível na plataforma, aberto a todos os visitantes e, para além de fornecer, como foi referido, dados concretos de investigação, constitui ainda uma peça importante para a avaliação do próprio projeto.

Apresentam-se, nas próximas linhas, os dados relativos ao tratamento dos inquéritos por questionário.

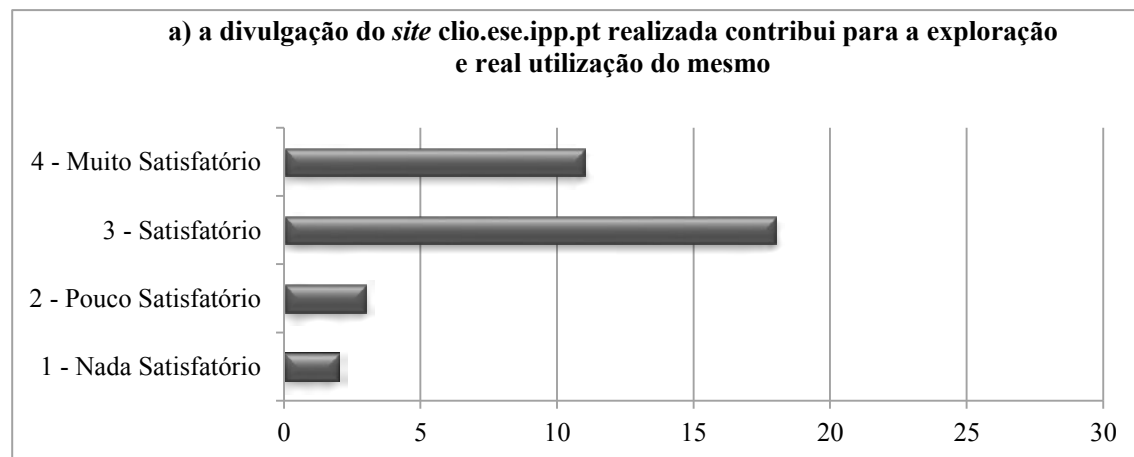


Gráfico 1: Dados relativos às respostas obtidas na questão a) do inquérito por questionário

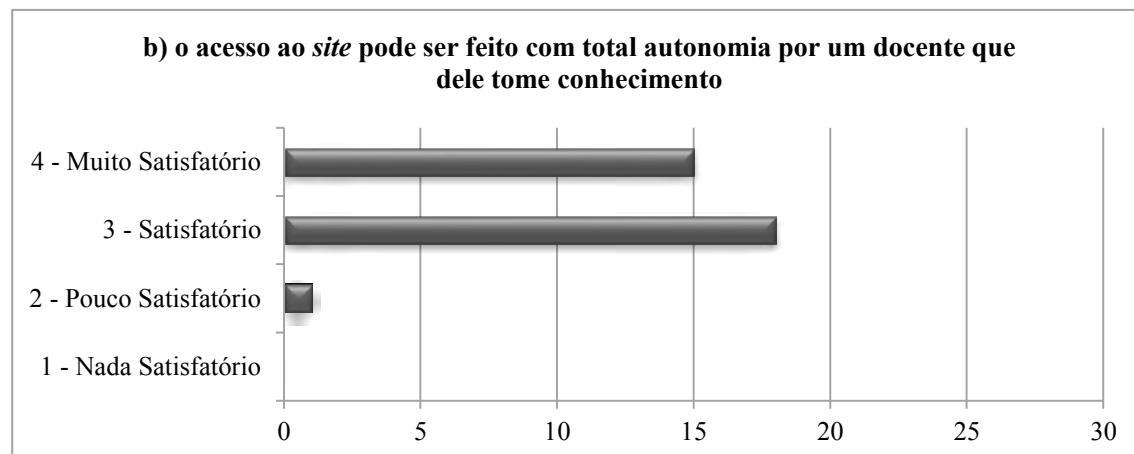


Gráfico 2: Dados relativos às respostas obtidas na questão b) do inquérito por questionário



Gráfico 3: Dados relativos às respostas obtidas na questão c) do inquérito por questionário

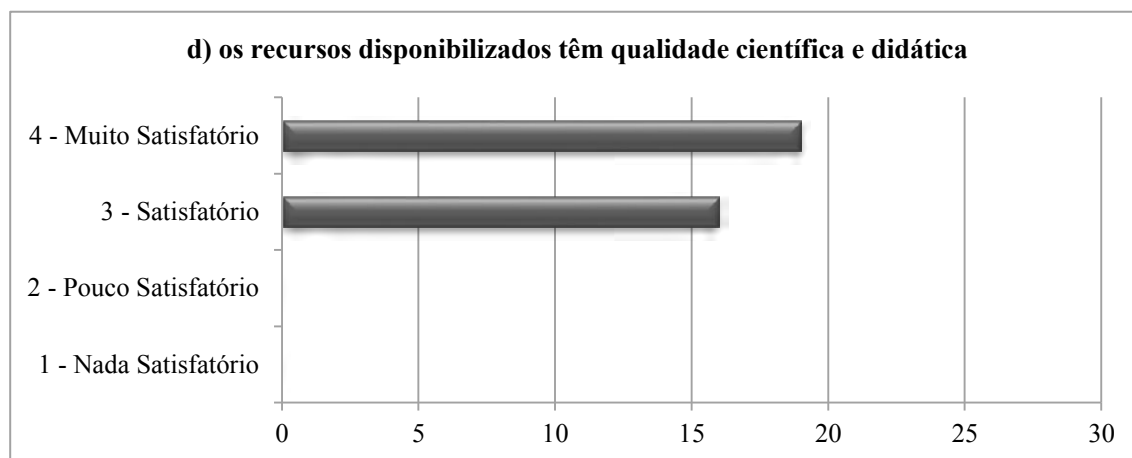


Gráfico 4: Dados relativos às respostas obtidas na questão d) do inquérito por questionário

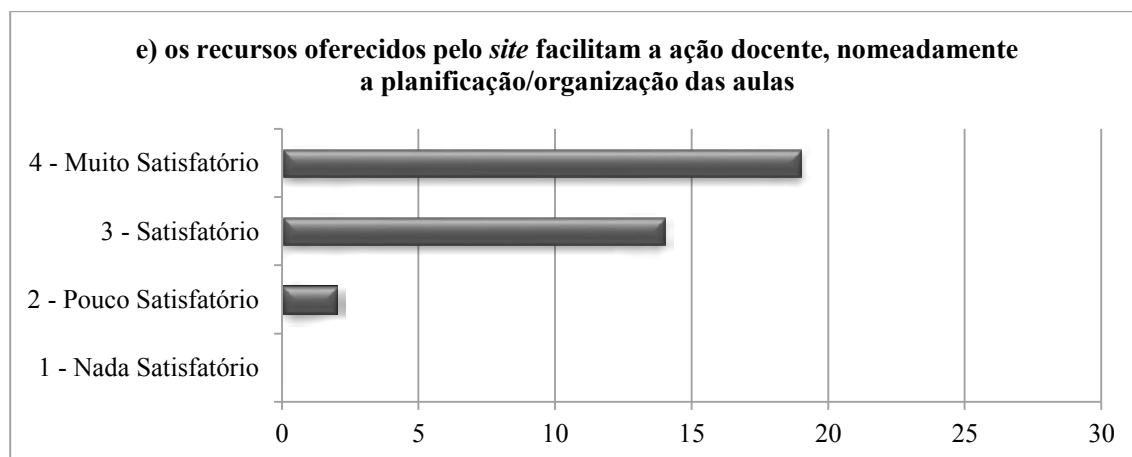


Gráfico 5: Dados relativos às respostas obtidas na questão e) do inquérito por questionário

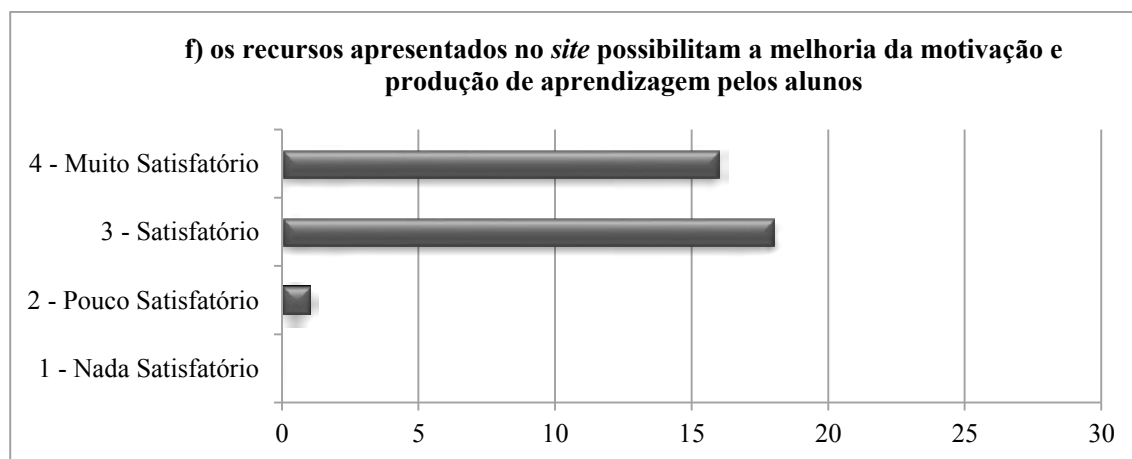


Gráfico 6: Dados relativos às respostas obtidas na questão f) do inquérito por questionário

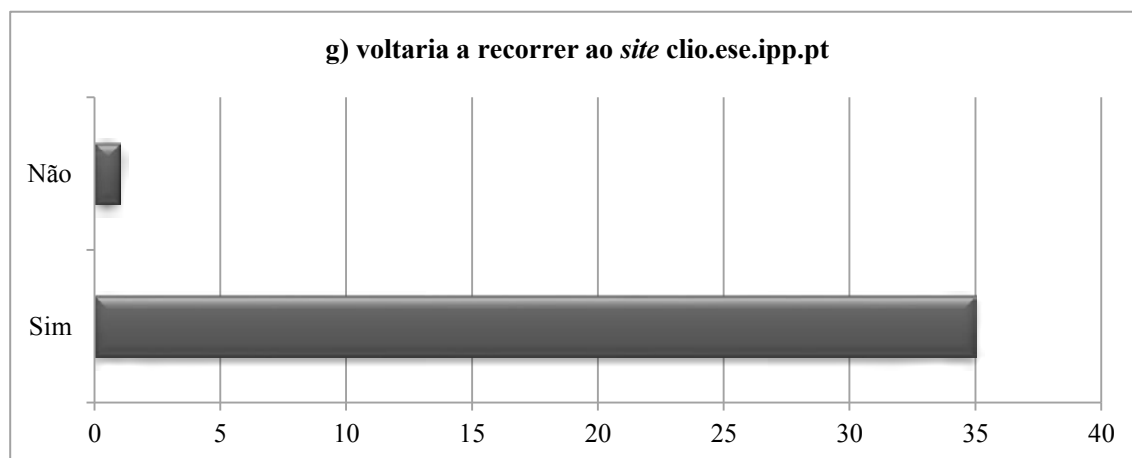


Gráfico 7: Dados relativos às respostas obtidas na questão g) do inquérito por questionário

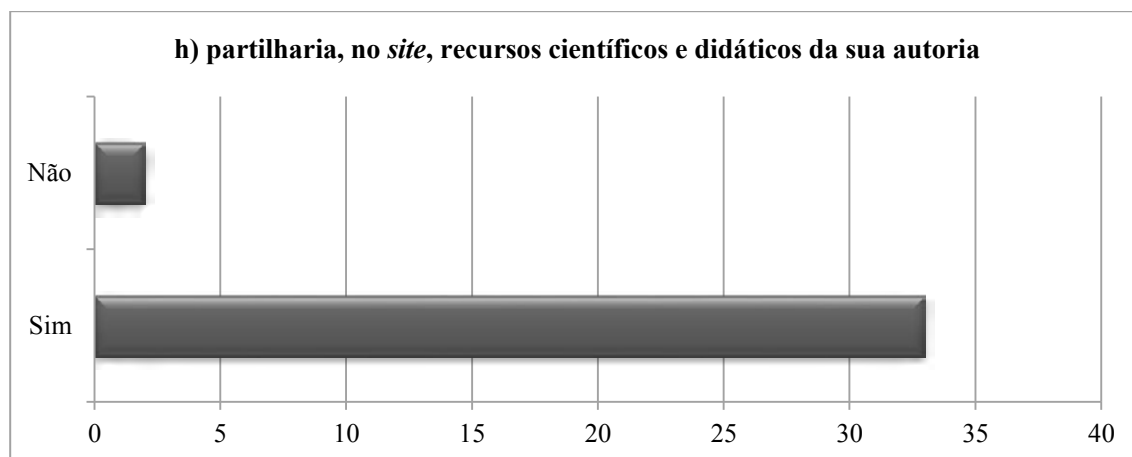


Gráfico 8: Dados relativos às respostas obtidas na questão h) do inquérito por questionário



A análise dos gráficos referentes às respostas recolhidas através do inquérito por questionário aplicado permite-nos esboçar algumas conclusões que, a par das sugestões e observações também apresentadas por todos aqueles que quiseram partilhar a sua opinião sobre o ClioESE, favorecem uma mais clara definição dos passos a seguir no desenvolvimento deste projeto. De facto, foram francamente positivas as apreciações relativas à divulgação do *site*, promovida nas instituições, e ao acesso autónomo ao mesmo. Ainda assim, alguns utilizadores do ClioESE não deixaram de sugerir uma mais constante e evidente promoção deste, por exemplo, por via de uma parceria estabelecida com a Associação de Professores de História ou do investimento em novos contactos junto das instituições portuguesas de ensino. Porque também assim será possível aumentar, progressivamente, a partilha de recursos vários, diferentes, úteis e de autores com outras proveniências, nomeadamente, os educadores e professores do ensino básico e secundário em atividade, atualmente, nos Agrupamentos. Para além disso, recolheram-se outras opiniões favoráveis, referentes às características do *site*, como a sua organização, as potencialidades dos recursos oferecidos, a relevância das notícias e informações divulgadas. Ainda assim, e apesar da maioria daqueles que responderam ao inquérito por questionário reconhecerem a adequação aos programas curriculares em vigor dos recursos publicados e o seu contributo para a motivação dos alunos, devido a uma originalidade que diferencia, alguns apontamentos em forma de sugestão não foram deixados ao acaso. Essas sugestões contemplaram uma referência à necessária criação de novos recursos sobre temas atuais que não surgem patenteados nos programas curriculares; uma outra sobre a possível e eventual organização de cadernos digitais temáticos aglutinadores de materiais fornecidos por docentes em exercício de funções e, até mesmo, uma proposta de realização de concursos, entre a comunidade escolar, para a recolha e posterior selecção de recursos com qualidade didática e científica a serem partilhados no ClioESE.

### **ClioESE: colaboração com organização**

O portal colaborativo ClioESE disponibiliza, neste momento, cerca de noventa e três recursos pedagógico-didáticos, cinco artigos de opinião e/ou trabalhos de investigação e um exemplo de um projeto de escola (passível de aplicação num qualquer contexto). Trata-se de um volume em permanente evolução, porque esta plataforma é dinâmica e tem vindo a crescer com a junção de novos materiais didáticos, que se apresentam como criações inéditas ou simplesmente como adaptações práticas para utilização em contexto de sala de aula. Os autores variam entre os investigadores-colaboradores do *site*, atuais ou antigos estudantes da Escola Superior de Educação do Porto (de cursos vários: Educação Básica, Gestão do Património, Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, Mestrado em Educação Pré-Escolar, Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, cursos de formação de professores do 1.º e 2.º ciclos anteriores ao processo de Bolonha), e docentes de instituições portuguesas de ensino básico e secundário.

Em relação às características dos recursos disponibilizados, estes evidenciam uma forte aposta pedagógica na interdisciplinaridade, assumindo, ao mesmo tempo, formatos muito distintos, como se torna visível nas seguintes tabelas:



<b>Ciclo</b>	<b>Temática</b>	<b>Título</b>	<b>Tipo de recurso</b>
<b>Pré-escolar</b>	<b>Natureza/Meio Ambiente</b>	Os animais da quinta	Outros
		Animália: Eu, Tu e os Animais	Outros
		Construir uma mini- estufa	Projeto de construção
		À descoberta da água	Outros
		Uma pegadinha sobre montados	Guião de visita de estudo + Trabalho experimental
	<b>Quotidiano</b>	Os instrumentos musicais portugueses	Outros
		Uma viagem ao mundo do tempo!	Outros
		Vamos viajar de Transportes públicos	Guião de visita de estudo + Outros
		Medicina Popular Portuguesa	Projeto anual
		“Como a Maria aprendeu num dia!”	Outros
	<b>Portugal</b>	Descobrir Portugal	Outros
		Rancho Folclórico	Outros
		S. Pedro da Cova: uma terra de mineiros	Guião de visita de estudo + Outros
		Uma visita ao Museu das Terras do Basto	Guião de visita de estudo
		A Arte Xávega	Outros

Tabela 1: Recursos disponibilizados no ClioESE, por temática e tipologia, relativos à Educação Pré-Escolar

<b>Ciclo</b>	<b>Temática</b>	<b>Título</b>	<b>Tipo de recurso</b>
<b>1.º ciclo</b>	<b>Natureza/Meio Ambiente</b>	Uma pegadinha sobre montados	Guião de visita de estudo + Trabalho experimental
		O plástico	Outros
	<b>Quotidiano</b>	Uma viagem ao mundo do tempo!	Outros
		Um Natal recheado	Jogo Didático
		As profissões	Planificações
		Meios de Comunicação	Planificações
		O comércio local	Planificações
		Circuitos Comerciais	Planificações
		Comércio Local	Proposta didática interdisciplinar
		Instituições e Serviços	Planificações
		Crenças de Natal	Outros
		Os Meios de Comunicação	Outros
		A agricultura Biológica	Outros
		A Pesca (e o Mar)	Outros
		Feriados Nacionais	Outros
	<b>Tradições Nacionais</b>	O Traje Vianense	Outros
		S. Martinho – a tradição ainda é o que era...	Teatro de fantoches + Música
		Lenços de Namorados – uma expressão de amor	Outros
		Trajes regionais portugueses	Outros
		Lendas de Portugal	Atividade interdisciplinar de

			exploração
		Rancho Folclórico do Porto	Outros
	<b>Geografia de Portugal</b>	Em Aveiro – Da salina ao sal	Atividade prática
		Ser tripeiro é...	Construção de um livro de receitas
		Espinho no séc. XIX	Construção de um Ecomuseu
		Meio Local – o Rio Leça	Outros
		As elevações – aspetos físicos de Portugal	Exploração de mapa + Construção de maquete
	<b>História de Portugal</b>	Romance do 25 de abril – guião do professor	Guião de Exploração pedagógica
		O 25 de abril contado às crianças	Dramatização
		O Tesouro (de Manuel António Pina)	Proposta de exploração de uma obra infantojuvenil
	<b>Cidadania</b>	Direitos e Deveres	Proposta didática interdisciplinar
		Multiculturalidade	Projeto de turma ou escola
		Património cultural e artístico – o Museu	<i>Powerpoint</i> de exploração
		Valorizar a Diferença	Planificações

Tabela 2: Recursos disponibilizados no ClioESE, por temática e tipologia, relativos ao 1º Ciclo

<b>Ciclo</b>	<b>Temática</b>	<b>Título</b>	<b>Tipo de recurso</b>
<b>2.º ciclo</b>	<b>Primeiro povos da Península Ibérica</b>	Romanização	Planificações
		Romanização e Cristianização	Planificações
		Os romanos na Península Ibérica	Jogo didático
		Os primeiros povos da Península Ibérica	Dramatização
	<b>Formação de Portugal</b>	Formação do Reino de Portugal	Planificações
		Do Condado Portucalense ao Reino de Portugal	<i>Powerpoint</i> didático
	<b>Portugal Medieval</b>	O Reino de Portugal no século XIII	Planificações
		Na Idade Média – o povo	Planificações
		A Sociedade Medieval	<i>Powerpoint</i> didático
		Portugal no século XIII	Ficha de exploração da obra “Uma viagem no tempo dos castelos”
		“Este Rei que eu escolhi”	Guião de exploração de obra infantojuvenil
	<b>Descobrimentos</b>	A descoberta do Brasil	Outros
		Entre a Índia e o Brasil – os Descobrimentos	Planificações
		A Expansão Marítima	Planificações
	<b>Liberalismo</b>	Da fuga para o Brasil à formação do Sinédrio	Planificações
		Das invasões a 1820 – notícias	Mini-jornal

		As Invasões Napoleónicas	Planificações
	<b>História Contemporânea</b>	Portugal e a Ditadura Salazarista	Planificações
		Heróis do Estado Novo	Jogo didático
		Guerra colonial nos documentos iconográficos	Outros
		“Capitães de abril” na sala de aula	Filme + Outros
		O povo é quem mais ordena” – 25 de abril	Planificações
		<i>Webquest</i> sobre a 1.ª Guerra Mundial	<i>Webquest</i>
	<b>História Local</b>	Nau Vila do Conde – história local	Outros
		Vamos conhecer a nossa cidade – o Porto	Guião de visita de estudo + Outros
	<b>Geografia</b>	As atividades económicas atuais	Planificações
		Um jogo geográfico	Jogo didático
	<b>Cidadania</b>	Os Direitos Humanos	Atividades interdisciplinares
	<b>História Comparada das Religiões</b>	Cristianismo e Islamismo	Textos teóricos + Jogo didático + Outros

Tabela 3: Recursos disponibilizados no ClioESE, por temática e tipologia, relativos ao 2º Ciclo

<b>Ciclo</b>	<b>Temática</b>	<b>Título</b>	<b>Tipo de recurso</b>
<b>3.º ciclo</b>	<b>Portugal no Passado</b>	O Terramoto de 1755	Banda Desenhada
		Portugueses e Espanhóis na América do Sul – guião do professor	Guião de exploração do filme “A Missão”
	<b>História Contemporânea</b>	O 25 de abril passo a passo	Vídeo+Guião
		O Terceiro Mundo	<i>Powerpoint</i> didático
		Guerra Colonial	Guião de exploração de documentário
		A Grande Depressão	Guião de exploração do filme “As vinhas da Ira”
		A 1.ª Guerra Mundial	Planificações + Guião de exploração do filme “Shoulder arms”
		A Guerra Colonial – guião do professor	Guião de exploração do documentário “As duas faces da guerra”

Tabela 4: Recursos disponibilizados no ClioESE, por temática e tipologia, relativos ao 3º Ciclo

Enquanto plataforma colaborativa, o *site* não está “fechado”. Pelo contrário, continua aberto à receção e partilha de novos contributos.

## A outra face da moeda

Descritas as linhas essenciais do projecto: os seus objetivos, a metodologia colaborativa e os recursos, importa perceber o impacto do mesmo junto da comunidade educativa.

A orientação dada a esta Oficina pretende, como já foi várias vezes referido, aprofundar um novo paradigma colaborativo, que parece ser essencial ao desenvolvimento de projetos educativos modernos e eficazes.

Mas, qual é a reação dos seus interlocutores preferenciais, os educadores e professores, face a esta iniciativa?

A grande constatação alcançada, até ao momento, é a de que existe alguma (muita) resistência ao estabelecimento deste “diálogo”, fundamento básico da CdP.

Em síntese, pode dizer-se que:

- Os docentes “sofrem” de desmotivação generalizada e paralisante, o que impede um esforço de inovação e de participação em projetos que acrescentem algo à sua atuação diária, para além de viverem, na Escola, um ambiente depressivo e de sobrecarga de trabalho que inibe a sua participação;
- Os professores recusam colaborar em projetos que não sejam oriundos da tutela, pelo que resistem a qualquer solicitação que venha do exterior;
- Quando tomaram conhecimento da Oficina, regra geral, os professores valorizaram a plataforma ClioESE, mas não lhe atribuíram uma maior importância, porque “...*é mais um entre muitos que já existem...*”;
- Os professores supervalorizam os sítios da Internet que contêm recursos dinâmicos e interactivos, como a *Escola Virtual* e, assim, pensam “...*não serem necessários mais recursos...*”;
- Finalmente, os professores não se mostraram maioritariamente receptivos à ideia de partilharem trabalhos por si elaborados, por terem relutância em “mostrar-se” aos pares, por não sentirem necessidade de o fazer e porque as editoras facilitam o seu trabalho diário.

## Considerações finais

Os resultados preliminares deste projeto refletem um conjunto de aspetos que moldam o panorama atual do ensino das Ciências Humanas, consequência, em primeiro lugar, da perda da carga horária da área científica desde 2001, com a Reorganização Curricular do Ensino Básico e, em simultâneo, da permanência dos programas de 1991, de História e Geografia de Portugal (2.º ciclo do Ensino Básico) e de História (3.º ciclo do Ensino Básico). Estes sofriam já de uma grande extensão, não compatível com a carga horária atribuída às Ciências Humanas, situação que permanece na atualidade. Acresce a este facto a alteração do modelo pedagógico definido pela tutela, com a introdução do Currículo Nacional do Ensino Básico, igualmente datado de 2001, que apresentava o conceito de competência, o qual apelava claramente para a mobilização de metodologias ativas, aí inserindo-se a mais recente, associada à corrente pedagógica construtivista. Pode concluir-se, a partir das ideias anteriores, que as alterações legais produzidas nesta última década têm acontecido de uma forma excessivamente frequente, não permitindo, por isso, uma avaliação mais cuidada dos resultados alcançados.

A este enquadramento legal somam-se a complexidade e o grau de dificuldade crescente do trabalho educativo dos professores, em geral, fruto de uma série de condicionalismos, que vão desde a heterogeneidade de alunos às dificuldades de transição da formação teórica para a prática. Neste sentido, a tarefa docente tende a constituir-se como uma atividade solitária e pouco propensa a oportunidades para os professores aprimorarem o seu desenvolvimento profissional.

Desta forma, percebemos que, embora os professores continuem a valorizar a autoformação, a inovação e a produção didática e científica, o tempo disponível para tal, face a tantas solicitações, é

diminuto. Foi possível ainda concluir que, devido ao atual modelo de gestão escolar, em Mega Agrupamentos, o contacto inicial feito pela equipa da Oficina que, quando aconteceu, foi entusiástico, não se revelou profícuo, sendo que, na maioria das situações, os professores não tomaram conhecimento da carta enviada, pelo que a divulgação da plataforma ClioESE ficou aquém do esperado.

Dos professores contactados, verificou-se a valorização do ClioESE, visto como uma mais-valia profissional e didática, apresentando recursos com qualidade e pertinência didáticas para serem utilizados em aula. Todavia, alguns destes docentes afirmaram sentir dificuldades em aceder à página do ClioESE, considerando-a pouco funcional, aspeto que, entretanto, foi objeto de alterações, com a introdução de melhorias na plataforma, nomeadamente na reorganização das categorias de apresentação dos recursos.

No contexto específico do ensino das Ciências Humanas, uma área tradicionalmente mais ligada a métodos expositivos e passivos, pensamos que uma comunidade virtual de prática, tal como definida pelo teórico organizacional Wenger, pode constituir-se como um contributo para a adoção de boas práticas, uma vez que a CdP se apresenta como uma solução de aprendizagem colaborativa, funcionando em rede com comunidades de docentes, partilhando práticas educativas. Por outras palavras, um espaço de troca e aprendizagem, no sentido de uma melhoria contínua de processos e resultados da prática educativa.

Contudo, parece-nos que as dificuldades listadas acima, sentidas na implementação, no contexto educativo, da plataforma criada decorrem de alguns princípios básicos: a falta de uma cultura de partilha – de conhecimentos, recursos, projetos coletivos ou individuais, atividades – na profissão docente no contexto nacional; a ausência de hábitos de trabalho em ambientes cooperativos, em tempo real de conexão ou através de contributos inseridos em plataformas ativas, como é o caso do ClioESE; enfim, a (in)capacidade de valorizar a existência de veículos de conhecimento interativos e dinâmicos.

Neste sentido, pretende-se, em relação ao futuro do ClioESE, a manutenção desta CdP, recorrendo-se a políticas de continuidade, *online* ou a nível do contacto pessoal, que permitam estimular o interesse de colaboração na plataforma, dando-lhe visibilidade e sentido de utilidade prática; o alargamento da comunidade, atraindo novos membros e contributos, pela demonstração das potencialidades da CdP; a sustentabilidade do ClioESE, que passa por ir ao encontro, de forma regular, das expectativas dos membros da comunidade, seja pela contínua partilha e permuta de recursos e produtos inseridos, criados e desenvolvidos dentro da esfera da CdP, seja pelo constante repensar de novas estratégias e objetivos.

## Referências Bibliográficas

- Calaf Masachs, Maria (1994). Didáctica de las ciencias sociales: Didáctica de la Historia. Barcelona. Oikos-Tau.
- Cambraia, Adão. Comunidades virtuais de prática: um espaço para formação permanente de professores. REVISTA ESPAÇO ACADÉMICO, nº 139, 2012, 18-24.
- Cormier, Dave (2001). Rhizomatic Learning – Why we teach? Disponível em <<http://davecormier.com/edblog/2011/11/05/rhizomatic-learning-why-learn/>> (consultado em 18.06.2014)
- Downes, Stephen (2005). An introduction to Connective Knowledge. Disponível em <<http://www.downes.ca/post/33034>> (consultado em 18.06.2014)
- El-Hani, Charbel e Greca, Ileana. Participação em uma comunidade virtual de prática desenhada como meio de diminuir a lacuna pesquisa-prática na educação em Biologia. CIÊNCIA E EDUCAÇÃO, vol. 17, nº 3, 2011, 579-601.
- Félix, Noémia (1998). A História na Educação Básica. Lisboa. Ministério da Educação/DEB.

- Félix, Noémia e Roldão, Maria do Céu (1996). Dimensões Formativas de disciplinas do Ensino Básico: História. Lisboa. Instituto de Inovação Educacional.
- Fosnot, Catherine (1999). Construtivismo e Educação. Lisboa. Edições Piaget.
- Gómez, Albert (2000). La enseñanza de la Historia ayer y hoy. Sevilha. Díada Editorial S.L.
- Horn, Geraldo e Germinari, Geyso (2006). O ensino de História e seu Currículo, Teoria e Método. Petrópolis. Editora Vozes.
- Illera, José. Como as comunidades virtuais de prática e de aprendizagem podem transformar a nossa concepção de educação. SÍSIFO, REVISTA DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, nº 3, 2007, 117-124.
- Jonnaert, Philippe (2003). Compétences et socioconstructivisme. Un Cadre Théorique. Bruxelas. De Boeck Université.
- Jonnaert, Philippe e Borght, Cécile (2003). Créer des conditions d'apprentissage. Bruxelas. De Boeck Université.
- Le Boterf, Guy (2004). Construire des compétences individuelles et collectives. Paris. Éditions d'Organisation.
- O'Reilly, Tim (2005) What Is Web 2.0: Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software. Disponível em <<http://oreilly.com/web2/archive/what-is-web-20.html>> (consultado em 18.06.2014).
- Perrenoud, Philippe (2001). Porquê construir competências a partir da escola? Porto. ASA.
- Pinto, Paulo, Félix, Noémia e Cunha, Isabel (2003). Competências essenciais no Ensino Básico, visões multidisciplinares. Porto. ASA.
- Prensky, Marc. Digital natives, digital immigrants. ON THE HORIZON, vol. 9, nº 5, 2001. Disponível em <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>> (consultado em 18.06.2014).
- Siemens, George (2004). Connectivism: a Learning Theory for the Digital Age. Disponível em <<http://www.elearnspace.org/Articles/connectivism.htm>> (consultado em 18.06.2014).
- Siemens, George (2010). Teaching in Social and Technological Networks. Disponível em <<http://www.connectivism.ca/?cat=3>> (consultado em 18.06.2014).
- Trepat, Cristòfol e Comes, Pilar (2000). El tiempo y el espacio en la didáctica de las ciencias sociales. Barcelona. Institut de Ciències de l' Educació/Universitat de Barcelona, Editorial Grão. 3ª edição.
- Wenger, Etienne, McDermott, Richard e Snyder, William (2002). Cultivating communities of practice: a guide to managing knowledge. Boston. Harvard Business School Press.